

## **Recortes de Uma Tragédia: Uma Análise do Discurso Imagético do Jornal Hoje Sobre a Tragédia da Kiss<sup>1</sup>**

Émellem Veleda da ROSA<sup>2</sup>  
Michele NEGRINI<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

**Resumo:** Este trabalho reflete sobre as coberturas de tragédias no telejornalismo, com foco no discurso imagético do Jornal Hoje sobre a tragédia da Kiss. Analisamos a edição que foi ao ar no dia 28 de janeiro de 2013, e utilizamos a técnica da *Análise de imagens em movimento*, de Diana Rose (2002). Observamos que o recorte feito pelo telejornal foi baseado na espetacularização, pois priorizou atingir o emocional do telespectador, focando em imagens de forte apelo emocional e baixo caráter informativo, como as demonstrações de emoções dos familiares das vítimas.

**Palavras-chave:** Cobertura de tragédia; telejornalismo; imagem.

### **Introdução**

Poucos fatos são capazes de alterar a grade da programação televisiva ou a estrutura de um telejornal. Quando um fato jornalístico chega a este ponto, geralmente é porque tem grande impacto na área de cobertura<sup>4</sup> do veículo que o noticia. As grandes coberturas, por exemplo, muitas vezes tomam conta de grande parte programação televisiva, seja de forma planejada ou repentina, dependendo da natureza do fato.

Para definir cobertura jornalística utilizaremos como base os autores Carlida Emerin e Antonio Brasil (2011), que classificam cobertura jornalística como um trabalho de reportagem que é realizado no local do acontecimento. E a grande cobertura é caracterizada como uma cobertura que aprofunda e diversifica a abordagem do tema trabalhado.

Seguindo a perspectiva desses autores, as coberturas podem ocorrer de duas formas: prospectivas e retrospectivas. As prospectivas são coberturas planejadas – carnaval, shows - ou seja, que tratam de eventos que têm uma data certa para acontecer, permitindo um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPeI, e-mail: emeerosa@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> De acordo com o referencial deste trabalho, área de cobertura refere-se a “[...] espaço geográfico ou virtual de abrangência, ou espaço recoberto ou alcance de sinal da emissora.” (EMERIN e BRASIL, 2011, p.4).

planejamento das equipes que vão realizar a cobertura. Já as coberturas retrospectivas ocorrem a partir do fato – acidentes, tragédias – nestas coberturas são abordados fatos que surgem de maneira inesperada, exigem agilidade da equipe que não teve tempo de planejar-se.

Neste trabalho, focaremos nas grandes coberturas que ocorrem de forma retrospectiva, como exemplo da tragédia da boate Kiss. O incêndio que atingiu a boate Kiss em 27 de janeiro de 2013 levou à morte de 242 jovens em Santa Maria, Rio Grande do Sul, ganhou grande espaço na mídia e continua sendo pauta mais de dois anos depois de ocorrido. O acontecimento chocou o país e repercutiu nacionalmente. O fato foi extensivamente abordado pelo telejornalismo nacional. Jornalistas de todo país foram deslocados para Santa Maria, tendo como cenário da transmissão o local da tragédia. As imagens do incêndio tomaram conta de todos os telejornais, seguidas pelas imagens do sofrimento das famílias e dos sepultamentos das centenas de vítimas.

O que define se o fato é importante o suficiente para ganhar espaço no cenário midiático é o seu enquadramento nos critérios de noticiabilidade. Entre os critérios de noticiabilidade do jornalismo televisivo, será destacado neste trabalho a importância da presença de imagens. Pois, para um acontecimento ganhar espaço no recorte da realidade feito pelo telejornalismo, é importante que ele tenha o potencial de gerar boas imagens. Em seguida, iremos observar quais as características das imagens apresentadas nas coberturas de tragédias, verificar quais são os principais elementos enfocados e de que forma esses elementos produzem sentidos sobre a tragédia. Para abordar a importância das imagens neste contexto serão utilizados como base os autores Bruno Leal (2006) e Rezende (2000).

As imagens são um elemento de grande importância no telejornal, pois são vistas por muitos telespectadores como uma prova da veracidade do que é noticiado. Quando na verdade a imagem pode ser usada não só como um recurso informativo para o telejornal, mas como uma forma de prender a audiência e até criar uma realidade que lhe convém.

Entendendo que o papel da imagem no telejornal é, além de informar, apelar ao emocional do telespectador como estratégia para mantê-lo interessado no tema e que as imagens apresentadas no telejornal são uma construção da realidade feitas a partir do recorte e enfoque do fato, buscaremos saber que recortes são destacados de um fato que por natureza envolve grande carga emocional e dramática como a tragédia da Kiss, que imagens foram construídas e transmitidas aos telespectadores para retratar este acontecimento.

A análise das imagens da edição será feita a partir da técnica descrita por Diana Rose (2002), no capítulo *Análise de imagens em movimento*, do livro *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, de Martin W. Bauer e George Gaskell. A análise desta pesquisa será feita a partir da edição do dia 28 de janeiro de 2013, do Jornal Hoje, onde o foco foi a cobertura da tragédia da boate Kiss. Nesta análise buscaremos identificar que elementos são destacados pela cobertura através das imagens.

## **2. Cobertura de Tragédias na TV**

Para analisar as coberturas de tragédias na TV, começaremos definindo o que são coberturas jornalísticas, para em seguida trazer características específicas do meio televisivo, que sustentarão o enfoque desde trabalho no discurso imagético do telejornal.

Emerin e Brasil (2011) diferenciam grande cobertura de cobertura grande. Grande cobertura refere-se a uma abordagem jornalística que busca aprofundar a temática trabalhada. E o termo cobertura grande pode ser utilizado para denominar uma cobertura que se mantém pauta por um período longo. Porém, pode se ter uma grande cobertura (que aborde um tema com profundidade), e que se mantenha em pauta por um longo período (cobertura grande).

As grandes coberturas, sejam elas perspectivas ou prospectivas – planejadas pelo veículo, ou realizadas a partir do acontecimento -, tendem a alterar a estrutura dos programas telejornalísticos, e até a grade televisiva. E quem define, de modo geral, se um fato vai tornar-se uma grande cobertura são os próprios telejornalistas, com base nos critérios de noticiabilidade. As grandes coberturas, geralmente, são compostas por fatos que promovem interesse nas pessoas, e mexem com a rotina social, e neste contexto as tragédias geralmente ganham espaço na mídia, pois, no meio televisivo, o interesse humano e a carga conflitual são importantes critérios de noticiabilidade (SILVA, 1985).

[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2003, p.196)

De acordo com Traquina (2005), os critérios de noticiabilidade podem ser classificados como critérios de seleção e de construção. Como critérios de noticiabilidade de seleção o autor destaca: a morte; a notoriedade do envolvido; a proximidade do fato; a relevância para o contexto social; a novidade que o fato trás; a atualidade do acontecimento; a notabilidade do fato; o caráter inesperado do fato; o conflito ou controvérsia do tema; a infração, que está ligada à violência. E como critério de noticiabilidade de construção o

autor destaca: a simplificação; a amplificação; a relevância; a personalização; e a dramatização (TRAQUINA, 2005).

Tratando-se especificamente do telejornalismo, é importante levar em conta também, critérios de noticiabilidade que podem se aplicar especificamente sobre esse meio devido ao seu caráter visual. Segundo Negrini e Brandalise (2015), alguns critérios são levados em consideração para se fazer uma cobertura ou reportagem no meio televisivo, como: a disponibilidade de imagens; o possível desenvolvimento de uma narrativa televisiva espetacular e humanizada; a disponibilidade de fontes para comentar o assunto; o destaque do fato no contexto em que está inserido o telejornal, e seu potencial melodramático<sup>5</sup> Souza (2010) destaca que além de produzir boas imagens, para ser noticiado no meio televisivo, o fato precisa ter impacto emocional sobre o público e potencial espetacular para causar interesse.

Segundo estas concepções, a tragédia da boate Kiss foi um evento com grande potencial noticiável. Além de apresentar imagens fortes, trouxe consigo um tema de grande impacto emocional e interesse humano que é a morte. Segundo Ariès (2003), a morte é negada nas sociedades urbanas ocidentais atuais. Quanto mais a ciência avança no sentido de adiar a morte, mais ela é negada. Os ritos funerários, e tudo que lembra morte ocorrem de forma que não perturbe a rotina. A impotência perante a morte é um fator intrigante na nossa sociedade, causa temor. Morrer nunca parece viável, quando nos atinge diretamente parece sempre uma injustiça, resultado de uma intervenção maligna. Mas, mesmo negada socialmente, a morte, geralmente, ganha espaço na mídia na forma de espetáculo.

Sem leito, sem tempo para os rituais, é necessário dar a morte caráter dramático e excessivo. A tranquilidade do leito é substituída pela cena pública, onde excesso é a palavra de ordem. O morto cerimonial é expiado em atos celebratórios dramáticos. O choro da multidão é convulsivo, as cenas de desespero se sucedem. Acentua-se o caráter dramático do momento comunal. Mas para a morte cotidiana o que se destaca é a indiferença. (BARBOSA, 2004, p. 3)

Mas não é todo tipo de morte que ganha espaço na mídia. Para ganhar espaço na mídia, a morte precisa ter alguma característica que chame a atenção e gere interesse no público, como: a morte de alguém que se destacou na sociedade pela sua trajetória de vida, as condições que levaram à morte (por exemplo, um ato de heroísmo), as particularidades do caso, e o caráter espetacular da morte (NEGRINI e BRANDALISE, 2015).

---

<sup>5</sup> O termo melodrama refere-se a uma estrutura narrativa muito utilizada pelos meios de comunicação de massa. De acordo com Thomasseau, podemos definir melodrama como “[...] um gênero teatral que privilegia primeiramente a emoção e a sensação. Sua principal preocupação é fazer variarem essas emoções com a alternância e o contraste de cenas calmas ou movimentadas, alegres ou patéticas. É também um gênero no qual a ação romanesca e espetacular impede a reflexão e deixa os nervos à flor da pele [...]” (THOMASSEAU, 2005, p. 139-140).

No caso da boate Kiss, que foi uma morte em massa, algumas mortes acabaram ganhando destaque de acordo com esses critérios. Como os que morreram em ato de heroísmo, tentando resgatar as vítimas. Dentre os critérios de noticiabilidade do telejornalismo citados, vamos destacar a importância da presença de imagens para construção das narrativas noticiosas, e seu possível caráter espetacular.

No telejornalismo, as imagens são fundamentais, e a sua disponibilidade ou não pode determinar se o fato será noticiado. Segundo François Jost (2004 apud LEAL 2006), mesmo que o telejornal busque transmitir a realidade, ele acaba, pelas suas características técnicas, o reduzindo ao que pode ser “visto”. E, a partir deste recorte, é construída uma nova realidade.

Münch (1992, apud LEAL, 2006) afirma que a função da imagem no telejornal vai além de simplesmente informar, ela tem também a função de estimular o telespectador emocionalmente e sensorialmente. Ou seja, a definição de que imagens serão utilizadas pode ser feita muitas vezes pelo seu caráter apelativo em detrimento da função de informar.

A mídia televisiva tem o poder de construir imagens, e apresentá-las como uma verdade absoluta. Com o lucro sendo o principal objetivo, o recorte da realidade pode ser “espetacular”. O telejornal espetacularizado é caracterizado pela intensa apresentação de imagens que buscam passar mais “verdade” que a própria realidade.

O espetáculo destina-se basicamente à contemplação, combinando, na produção telejornalística, uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico – com um conjunto de notícias constituído essencialmente de *fait divers* (REZENDE, 2000, p. 25).

É característico do telejornalismo apresentar imagens do fato o mais rápido possível. Segundo Emerin e Brasil (2011), apesar de apresentar algumas notícias sem imagens (nota pelada, nota pé) o que interessa no telejornalismo são as imagens. Os autores afirmam ainda que as coberturas brasileiras se baseiam na repercussão das imagens para manter o interesse do público no tema, quando na maioria das vezes narram com informações superficiais e repetidas. Ou seja, as coberturas na tevê são caracterizadas pela intensa apresentação de imagens, e as imagens produzidas através de recortes que buscam prender a atenção do público, apresentam em muitos casos características de espetáculo, imagens que apelam ao emocional do telespectador.

Segundo Debord (1997), o espetáculo está totalmente ligado ao capitalismo e chegou a um grau de acumulação que se tornou imagem. Ele afirma que a visão é um sentido forte do ser humano e isso faz da televisão o veículo mais adequado para apresentação destes espetáculos. O telejornal utiliza o aspecto espetacular da tragédia para atrair os olhos do

espectador. São reproduzidos o choro e o sofrimento dos familiares repetidamente, com o objetivo de atrair o telespectador pelo emocional. Segundo Canavilhas (2001), o jornalismo faz um recorte da realidade, com o objetivo de apresentar uma realidade “melhorada”, mais atraente, esta atitude por si só já caracteriza espetacularização.

Ao analisar uma tragédia como a da Boate Kiss, potencialmente fornecedora de imagens fortes, este estudo visa observar se o telejornalismo apresenta imagens da morte abarcadas na espetacularização. E observar, ainda, se ele usa do poder das imagens para criar uma realidade mais atraente e vendável.

### 2.1 Cobertura da Tragédia da Boate Kiss

Por volta das 2h30 da madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, inicia o incêndio na Boate Kiss - Santa Maria, Rio Grande do Sul - que terminaria como uma das maiores tragédias do estado. O incêndio começou quando um dos integrantes da banda Gurizada Fandangueira, que animava a festa, acendeu um sinalizador que atingiu o teto da boate. O material de isolamento acústico presente no teto da boate era altamente inflamável o que fez com que as chamas se alastrassem rapidamente. A fumaça tóxica produzida pela queima desse material tomou conta do ambiente rapidamente, com apenas uma saída muitos jovens não conseguiram deixar o local a tempo e acabaram morrendo intoxicados pela fumaça. A tragédia causou a morte de 242 jovens e deixou centenas de feridos, na maioria, universitários de Santa Maria.

A tragédia chocou o Brasil e o mundo, e foi amplamente repercutida por todos meios de comunicação. As imagens da tragédia tomaram conta dos telejornais, emocionando muitos telespectadores com a dor de tantas famílias.

O fato ganhou grande repercussão na imprensa nacional, que deslocou muitos jornalistas para região do fato. A Rede Globo de Televisão, por exemplo, teve de presentes em Santa Maria quatro ancoras dos seus principais telejornais, que viajaram para Santa Maria no domingo, e apresentaram seus respectivos Telejornais no cenário da tragédia, na segunda-feira, 28 de janeiro de 2013. Entre os jornalistas estavam Ana Luíza Guimarães (Bom Dia Brasil), Sandra Annenberg (Jornal Hoje), William Bonner (Jornal Nacional), e Cristiane Pelajo (Jornal da Globo). Esta atitude de locomoção dos jornalistas até o local da tragédia tem o objetivo de legitimar a relação de proximidade com o telespectador e legitimar a cobertura.

Neste trabalho, vamos focar a análise na edição do Jornal Hoje do dia 28 de janeiro de 2013. Esta edição trata-se de uma cobertura jornalística de acordo com a concepção de Emerin e Brasil (2011), ou seja, um trabalho de reportagem feito do local do acontecimento. A jornalista Sandra Annenberg cumpriu seu papel de apresentadora do Jornal Hoje diretamente de Santa Maria, cenário a tragédia. A edição pode ser ainda, de acordo com esses autores, ser caracterizada como uma grande cobertura, já que apresenta o fato de maneira aprofundada. Toda a estrutura do telejornal foi modificada, transformando-se em uma edição especial sobre a tragédia.

O Jornal Hoje foi o segundo telejornal oficial da emissora a apresentar a cobertura da tragédia, e foi ao ar com uma grande carga emocional. Seguindo a característica do telejornal, que é estar mais próximo do seu público, a apresentadora Sandra Annenberg realmente entrou no contexto da tragédia e na edição se mostrou bem próxima das famílias das vítimas, sem se preocupar em esconder seu envolvimento emocional. A edição se utilizou da apresentação intensa de imagens, dentre elas podemos destacar: o resgate as vítimas, o velório coletivo, e os sepultamentos. E neste trabalho, a partir da análise, vamos observar os elementos destacados nestas imagens sobre a tragédia.

### **3. Metodologia**

Foi definida para esta análise a edição do Jornal Hoje do dia 28 de janeiro de 2013. Esta edição tratou especialmente da tragédia e seus desdobramentos, e foi ao ar na segunda-feira após a tragédia. A edição será analisada a partir da versão disponibilizada no site *youtube*, que trás a edição na íntegra.

A análise do objeto de estudo será feita com base na técnica descrita por Diana Rose (2002), no capítulo *Análise de imagens em movimento*, do livro *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, de Martin W. Bauer e George Gaskell. A aplicação da metodologia é dividida em quatro fases: seleção, transcrição, codificação e tabulação.

Para aplicar o método de Análise de Imagens em movimento, de Diana Rose ao *corpus* deste trabalho, primeiramente será feita a seleção das cenas que serão analisadas dentro da edição do Jornal Hoje do dia 28 de janeiro de 2013. Esta seleção será feita de acordo com a proposta da análise, que é observar a cobertura imagética do telejornal sobre a tragédia, então, serão selecionadas imagens que reflitam os conceitos previamente abordados no trabalho, que caracterizam a tragédia. Depois de selecionadas as cenas, será realizado o processo de transcrição.

A transcrição traduz e simplifica a imagem complexa da tela, gerando assim o conjunto de dados que serão analisados e codificados. A unidade de análise deve ser definida de acordo com os fundamentos teóricos da pesquisa, pode ser uma unidade imagética, como uma tomada de câmera, ou uma unidade textual, como uma linha ou um parágrafo. Referindo-se aos aspectos visuais, Rose deixa claro que é impossível descrever tudo que está na tela, então, a seleção do que será transcrito e os aspectos que serão destacados dependem da postura teórica adotada. Ela destaca, porém, a importância de que as escolhas feitas neste processo sejam justificadas empírica e teoricamente. A transcrição é feita em duas colunas, a coluna da esquerda é composta pela descrição do aspecto visual, e a da direita contém a transcrição do material verbal, o início de uma nova unidade de análise é marcada pelo início de um novo parágrafo. Esta descrição será feita destacando os aspectos que mais interessam de acordo com a orientação teórica do trabalho. Junto a tabela será feita a análise, que buscare responder de que forma os elementos destacados na unidade de análise geraram sentidos sobre o tema, de acordo com o embasamento teórico.

A codificação dos dados é feita a partir da teoria utilizada e da leitura prévia dos dados. As unidades de análise são transformadas em códigos, que são representados por sinais gráficos. Essas informações codificadas são tabuladas e resultam em uma série de informações quantitativas. A etapa de codificação e tabulação dos dados, que é quantitativa, não pareceu adequada a esta pesquisa. Segundo Diana Rose “Algumas das técnicas apresentadas devem ser adaptadas para outros conteúdos [...]” (ROSE, 2002, p. 362). Os objetivos e a orientação teoria desta pesquisa levam o trabalho para um enfoque mais qualitativo. Ou seja, esta etapa então não será realizada por não ser relevante em relação ao problema de pesquisa.

#### **4. Análise dos Dados**

A tragédia da boate Kiss preencheu os principais critérios de noticiabilidade de uma reportagem ou cobertura televisiva: a disponibilidade de imagens; o possível desenvolvimento de uma narrativa televisual espetacular e humanizada; a disponibilidade de fontes para comentar o assunto; o destaque do fato no contexto em que está inserido o telejornal, e seu potencial melodramático.

Nesta fase do trabalho, vamos analisar de que forma foram explorados, mais especificamente nas imagens, esses critérios. E se houve uma supervalorização do caráter



emocional e dramático da tragédia, se esses elementos foram explorados de forma exagerada, transformando a tragédia em um espetáculo.

TABELA 1: Recortes da tragédia

Dimensão visual	Dimensão verbal/sonora
Caminhão dos bombeiros chega a Kiss	Gritos de desespero
Voluntários quebrando a parede da boate em busca de sobreviventes	
Vítima ferida sendo retirada do local	Sirene dos bombeiros
Voluntário tenta reanimar vítima no chão em frente à boate, enquanto outro voluntário abana outra vítima.	<b>Voz de mulher (tom de desespero):</b> Fabio, cadê o Fernando? Cadê o Fernando? Cadê o Fernando?
Homem ao telefone	<b>Voz de homem:</b> Teve gente que não teve tempo de sair
Jovem chorando entre a multidão que esta em frente à boate	Música triste ao fundo
Outra jovem chorando	
Mulher sendo afastada do local por seguranças	

A edição do Jornal Hoje do dia 28 de janeiro de 2013 iniciou com uma sequência de imagens que resumiu o desespero do momento da tragédia e as horas que se sucederam. O VT de cerca de 17 segundos foi exibido antes da escalada, e pareceu uma seleção dos “melhores momentos” da tragédia, no caso os mais dramáticos.

A mudança rápida de uma imagem para outra passa para o telespectador o sentimento de desespero, reforçado por gritos e pelo som da sirene. O foco é dado aos sentimentos que afloraram naquele momento, e a seleção das imagens é capaz de fazer com que o espectador se sinta inserido naquele contexto. Entre os gritos reproduzidos, acompanhados de imagens de correria e desespero, se destacam os gritos de uma mulher, possivelmente uma mãe, que diz “*Fábio, cadê o Fernando? Cadê o Fernando? Cadê o Fernando?*”, representando a dor dos familiares que buscavam seus Fernandos, Luizas, Pedros. Em seguida surge uma voz masculina que diz “Teve gente que não teve tempo de sair”, neste momento o foco da imagem vai para o rosto de pessoas que choram em frente à boate, a possível morte de seus entes queridos.

Este VT inicial foi composto de imagens reais, a chegada dos bombeiros, os voluntários quebrando a parede da boate, o resgate das vítimas, a tentativa de reanimar uma vítima no chão em frente à boate, e o choro dos familiares, tudo isso realmente aconteceu, mas não em 17 segundos. As imagens exibidas nestes 17 segundos foram um recorte de um tempo bem maior de gravações, assim como os efeitos sonoros. E a forma como se

construiu esse recorte apelou diretamente ao emocional do telespectador, que recebeu uma dose concentrada de emoção e drama. Essa concentração de imagens com o objetivo de destacar os momentos mais dramáticos da tragédia consiste em uma estratégia de espetacularização, quando se cria uma realidade “melhorada” para chamar a atenção do telespectador e manter seu interesse no tema (CANAVILHAS, 2001). Assim é comum neste tipo de cobertura - e se repete na tragédia da Kiss – a reprodução do choro e do sofrimento dos familiares. As características dessas primeiras imagens, que podem ser consideradas espetaculares, aparecem em diversos momentos ao longo do telejornal. Imagens que retratam a dor, o sofrimento, enfim os sentimentos dos envolvidos.



Figura 1 – Imagem de jovem que chora em frente a Kiss

TABELA 2: Velório coletivo

Dimensão visual	Dimensão verbal/sonora
Sandra fala diretamente do ginásio onde ocorre o velório coletivo.	<b>Sandra:</b> A cidade está desolada. Quando nós chegamos à cidade estava vazia, todo mundo se concentrava aqui. E a gente fica perplexo, sem ação, quando vê tão de perto essa tragédia, essa tristeza. Desde ontem a noite, quando eu cheguei ao ginásio, eu vim ontem a noite aqui, e a imagem é a mesma, famílias debruçadas sobre os caixões, centenas de pessoas andando de um lado para o outro, ajudando, fazendo café,
Parentes em volta dos caixões fechados.	
Familiares chorando sobre caixão fechado.	
Imagem da multidão no velório.	
Foco no rosto de uma mulher chorando.	
Familiares ao redor de caixões abertos.	

Caixão sendo carregado pela família.	limpando o chão, chorando muito. O velório aqui é coletivo.
Foco no rosto de homem chorando.	

A edição segue com a transmissão de informações pela jornalista Sandra Annenberg, que veste preto em sinal de luto. O cenário da transmissão é o ginásio onde está ocorrendo o velório coletivo das vítimas. O desespero descrito nas imagens da “Tabela 1” dão lugar a uma tristeza mais silenciosa, narrada pela jornalista. A descrição feita por Sandra Annerbeg sobre o sofrimento dos familiares é reforçada pelas imagens do velório coletivo. É destacada a imagem da morte, que é representada pela dor da família que fica. O destaque a multidão presente reforça o impacto da tragédia.

Novamente a escolha das imagens prioriza a dor dos familiares, que é focada repetidamente, a imagem passa de uma família para outra, sempre buscando o choro e as expressões de tristeza. A apresentação de imagens repetitivas, e o foco nas demonstrações de emoção dos familiares caracterizam as imagens como espetaculares.

Tanto a narração da repórter como as imagens apresentadas, tem mais apelo emocional do que informações relevantes. Segundo os autores Emerin e Brasil (2011), a intensa apresentação de imagens, acompanhadas de pouca informação ou informações repetidas é uma característica das grandes coberturas nacionais.



Figura 2 – Imagem dos familiares chorando a morte de um falecido na Kiss, debruçados no caixão.

TABELA 3: A despedida

Dimensão visual	Dimensão verbal/sonora
Militar em frente à multidão	<b>Policial:</b> Familiares de (nome)...
Mulher chorando entre uma multidão	
Outra mulher chorando entre a multidão	
Caixão sendo carregado	
Pessoas emocionadas	

Após dar por encerrada a edição do telejornal, o jornalista Evaristo Costa, que esta na bancada do telejornal, anuncia que a cobertura continua na programação da Rede Globo de Televisão, em seus próximos telejornais. O jornalista convida o público a acompanhar os próximos “episódios” como na dramaturgia, a tragédia é transmitida em capítulos.

A edição é encerrada com um VT, desta vez focando a tristeza da despedida. A interrupção trágica de vidas tão jovens é traduzida pela dor das famílias. A utilização de imagens, que não trazem nenhuma informação nova, deixa clara a intenção do telejornal de apelar ao emocional do telespectador, deixando-o com as tristes imagens da despedida.

A despedida de centenas de jovens, representada em poucos segundos de imagens de cortejos fúnebres, acompanhadas de uma musica de fundo melancólica. As imagens destacam entre a multidão o choro e a emoção, que já foram exaustivamente destacados durante toda transmissão, e não tem caráter informativo, apenas fazem parte do espetáculo.



Figura 3 – Imagem do cortejo fúnebre de um morto na boate Kiss.

E a edição que iniciou com uma seleção dos momentos mais dramáticos da tragédia, termina com os momentos dramáticos da despedida. A narrativa construída pelo telejornal lembra uma novela, onde a história tem início meio e fim, e o telespectador é convidado a seguir acompanhando os próximos “episódios” ao longo da programação.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste trabalho discutimos os critérios de noticiabilidade que fazem com que um fato seja considerado importante o suficiente para ser alvo de uma grande cobertura jornalística, ou seja, ganhar um maior espaço na mídia, destacando-se entre as notícias cotidianas. Em seguida, nos aproximamos do nosso objeto de estudo – coberturas de tragédias no telejornalismo – e destacamos a importância da disponibilidade de boas imagens para criação da narrativa telejornalística, e seu possível caráter espetacular. A reflexão foi feita a partir da cobertura do Jornal Hoje sobre a tragédia da boate Kiss.

Tratando as imagens apresentadas pelo telejornalismo como um recorte/construção da realidade, analisamos a edição do Jornal Hoje do dia 28 de janeiro de 2013, e utilizamos a técnica de *Análise de imagens em movimento* de Diana Rose (2002), para observar qual recorte foi feito pelo Jornal Hoje sobre a tragédia da Kiss, que imagens foram destacadas e que sentidos foram produzidos por essas imagens. Observamos o destaque a cenas dramáticas, que trazem mais apelo ao emocional do telespectador do que informações relevantes.

As demonstrações de emoção aparecem ao longo de toda edição, e o potencial melodramático do evento é destacado pelas imagens. A narrativa do Jornal Hoje sobre a tragédia da Kiss foi uma mistura de informação e emoção, que fica claro desde a postura adotada pela jornalista Sandra Annenberg. A presença do jornalista no cenário da tragédia por si só legitima a cobertura, mas Sandra vai além deixando transparecer seu envolvimento emocional, chegando a confortar uma voluntária com um abraço durante a entrevista. Esta atitude deixa clara a intenção do telejornal de mostrar-se mais próximo do seu telespectador, apresentando uma cobertura mais humana, onde a jornalista se permite emocionar-se, emocionando também o público.

E ao longo de toda a edição foi dado foco ao choro e as representações de emoção dos familiares das vítimas. Essa repetição de imagens com mais emoção do que informação reflete um recorte espetacular da tragédia que visa emocionar e atrair o público. Ou seja, a função exercida pelas imagens no telejornal vão além de simplesmente informar o

telespectador, elas tem também a função de emocioná-lo, estimulá-lo de forma que ele queira assistir ao desdobramento da história, como acontece na dramaturgia. Antes mesmo da escalada, é exibido um VT que trás os momentos mais dramáticos da tragédia, anunciando ao telespectador o “espetáculo” que vem a seguir. A seqüência de cenas chocantes vem acompanhada de um áudio com muitos gritos desesperados, que busca assim atrair o telespectador apelando diretamente ao seu emocional. E da mesma forma que inicia, o capítulo é encerrado, com o triste desfecho representado pelas cenas tristes da despedida, que não são, porém, o fim da história. Como anunciado ao encerramento da edição, o espetáculo continua no próximo telejornal.

### Referencial Bibliográfico

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.

CANAVILHAS, João. O domínio da informação-espetáculo na televisão. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Covilhã, Portugal. Disponível em: [www. bocc. ubi. pt/pag/\\_texto. php3](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3). Acesso em, v. 15, 2001.**

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.

LEAL, Bruno Souza. Reflexões sobre a imagem: um estudo de caso. In: **Revista E-compós**. abril 2006.

NEGRINI, Michele; BRANDALISE, Roberta. Os Critérios De Noticiabilidade No Telejornalismo: Uma Reflexão A Partir Da Tragédia De Santa Maria. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, v. 2, n. 1, p. 74-90, 2015.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROSE, Diane. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p 343 – 363.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Muito além do jardim botânico**: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

SOUSA, L. S. C. S. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2010. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/resumod.php?id=356>

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O Melodrama**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

### **Materiais obtidos na Web**

<https://www.youtube.com/watch?v=AS3f2DgSBIw>; Jornal Hoje especial Tragédia em Santa Maria (Parte 1/4), (RGT), exibido em 28 de janeiro de 2013, acessado para o trabalho em 22 de junho de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=v1YFOaA0FQo>; Jornal Hoje especial Tragédia em Santa Maria (Parte 2/4), (RGT), exibido em 28 de janeiro de 2013, acessado para o trabalho em 22 de junho de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=4QG8qmFd2ik>; Jornal Hoje especial Tragédia em Santa Maria (Parte 3/4), (RGT), exibido em 28 de janeiro de 2013, acessado para o trabalho em 22 de junho de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=zILk8fxKeE4>; Jornal Hoje especial Tragédia em Santa Maria (Parte 4/4), (RGT), exibido em 28 de janeiro de 2013, acessado para o trabalho em 22 de junho de 2015.